



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ODONTOLOGIA



ANA LAURA CARVALHO DO NASCIMENTO

**DISCRIMINAÇÃO NO CONSUTÓRIO ODONTOLÓGICO:
SIGNIFICADOS PRODUZIDOS POR PACIENTES
NEGROS**

UBERLÂNDIA

2025

ANA LAURA CARVALHO DO NASCIMENTO

**DISCRIMINAÇÃO NO CONSUTÓRIO ODONTOLÓGICO:
SIGNIFICADOS PRODUZIDOS POR PACIENTES
NEGROS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de Odontologia da
UFU, como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Odontologia

Orientador: Prof. Dr. Álex Moreira Herval

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

N244 2025	<p>Nascimento, Ana Laura Carvalho do, 2001- DISCRIMINAÇÃO NO CONSUTÓRIO ODONTOLÓGICO: SIGNIFICADOS PRODUZIDOS POR PACIENTES NEGROS [recurso eletrônico] / Ana Laura Carvalho do Nascimento. - 2025.</p> <p>Orientador: Álex Moreira Herval. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Odontologia. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Odontologia. I. Herval, Álex Moreira, 1989-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Odontologia. III. Título.</p> <p>CDU: 616.314</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar este momento agradecendo à minha família, em especial aos meus pais Eliane Carvalho de Paula e Fernando Henrique do Nascimento. Desde o início da minha jornada até este momento tão especial, vocês foram essenciais para que eu tivesse a força que precisava. Agradeço pela paciência, pelas palavras de incentivo, amor, companheirismo e por me ensinarem a importância de nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço às minhas irmãs Ana Paula Carvalho do Nascimento e Ana Beatriz Carvalho do Nascimento. Vocês são meu porto seguro, minhas melhores amigas. O apoio de vocês foi gratificante para que eu chegasse até aqui. Obrigada por estarem ao meu lado com todo amor, carinho e lealdade. Cada uma de vocês é única para mim e para o meu crescimento pessoal.

Gostaria de expressar minha imensa gratidão ao meu orientador, Álex, que desde o início, mostrou todo seu apoio e dedicação para esta pesquisa. Agradeço pela confiança, pelo carinho, pelos conselhos valiosos e pela constante paciência. Sem sua ajuda, este momento não seria possível. Sou imensamente grata por todo o conhecimento compartilhado, foi algo único e transformador para minha vida pessoal e profissional.

Não poderia deixar de agradecer à minha espiritualidade, que tanto me ensinou nesta caminhada. A fé que nutri em meu coração me deu forças que nunca imaginei ter, me ensinaram que o caos precisa existir para podermos aproveitar a paz. Sou grata por cada cantiga, cada oração, cada palavra de proteção. Salve mestre Zé Pilintra, salve mestre Sibamba, salve Maria Mulambo e todas as entidades que me acompanharam. Seguir nesta caminhada com a espiritualidade me sustentou e me orientou em cada passo dado até aqui.

Agradeço de coração ao meu namorado, Igor, por ser minha fonte de apoio e carinho. Seu amor, paciência e compreensão foram essenciais durante todo esse processo. Você me mostrou a importância de manter o equilíbrio e a alegria mesmo em momentos de desafio. Obrigada por sempre acreditar em mim e por estar ao meu lado em todos os momentos.

Por fim, quero agradecer aos meus amigos que estiveram comigo em todas as fases dessa trajetória. Cada um de vocês tem um lugar especial no meu coração, e sou muito grata pelas risadas, pelas conversas, pelos conselhos e pelo apoio constante. Vocês foram uma parte fundamental da minha motivação e alegria ao longo dessa caminhada.

RESUMO

Introdução: A população negra brasileira, embora significativa em números, ainda enfrenta situações de preconceito e discriminação, o que afeta de maneira severa sua qualidade de vida e o acesso a serviços de saúde. Essa restrição no acesso, combinada com outros determinantes sociais do processo saúde-doença, pode resultar em consequências para a saúde bucal. **Objetivo:** Compreender as experiências de discriminação nos consultórios odontológicos e os efeitos subjetivos que esses eventos têm na vida de pessoas negras. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa qualitativa com pessoas negras que vivenciaram experiências de racismo em consultórios odontológicos. As informações foram coletadas através de entrevistas semiestruturadas, que foram transcritas e analisadas com base na Teoria Fundamentada de Dados. **Resultados:** Foram realizadas oito entrevistas, cujos significados revelaram as seguintes categorias: 1) Causas do racismo; 2) Significados e ações frente ao racismo no consultório odontológico; 3) Intervenientes do racismo; e 4) Posturas acolhedoras no consultório odontológico. Os resultados indicam que os entrevistados não aceitam mais um tratamento inadequado em consultórios odontológicos, ainda que as práticas de racismo sejam sutis. Dessa forma, as pessoas negras buscam estabelecer limites de preconceito durante os atendimentos. **Conclusão:** As práticas de racismo no consultório odontológico são sutis, mas capazes de impactar de forma significativa na vida das pessoas negras.

Palavras-chave: População Negra. Racismo. Assistência Odontológica. Consultórios Odontológicos.

ABSTRACT

Introduction: The Brazilian Black population, although significant in numbers, still faces situations of prejudice and discrimination, which severely affects their quality of life and access to health services. This restriction in access, combined with other social determinants of the health-disease process, can result in consequences for oral health. **Aim:** To understand the experiences of discrimination in dental offices and the subjective effects these events have on the lives of Black individuals. **Methodology:** A qualitative study was conducted with Black individuals who have experienced racism in dental offices. The information was collected through semi-structured interviews, which were transcribed and analyzed based on Grounded Theory. **Results:** Eight interviews were conducted, the meanings of which revealed the following categories: 1) Causes of racism; 2) Meanings and actions in response to racism in the dental office; 3) Interveners of racism; and 4) Welcoming attitudes in the dental office. The results indicate that the interviewees no longer accept inadequate treatment in dental offices, even if the practices of racism are subtle. In this way, Black people seek to establish boundaries against prejudice during appointments. **Conclusion:** Racist practices in the dental office are subtle but can significantly impact the lives of Black people.

Key-words: Black Population. Racism. Dental Care. Dental Offices.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	1
2- METODOLOGIA.....	3
2.1- Desenho de Estudo e Considerações Éticas	3
2.2- Coleta de Dados.....	3
2.3- Amostragem.....	3
2.4- Análise de Dados	4
3- RESULTADOS	5
3.1- Causas do racismo	5
3.2- Significados e ações frente ao racismo	6
3.3- Intervenientes do racismo.....	7
3.4- Posturas do cirurgião-dentista	8
4- DISCUSSÃO	10
5- CONCLUSÃO.....	14
REFERÊNCIAS	15
APÊNDICE	18
ANEXO	19

1- INTRODUÇÃO

Importantes desigualdades em saúde bucal podem ser observadas na população, havendo uma maior concentração de doenças bucais entre pessoas negras (Borrell, Williams, 2022). Observa-se um menor acesso aos cuidados odontológicos e maior perda de dentes entre pessoas negras, mesmo quando as condições sociodemográficas são semelhantes a outros grupos sociais (Singhal; Jackson, 2022).

Habitualmente coloca-se a iniquidade em saúde bucal relacionada ao uso de tabaco e a má alimentação, porém, o principal causador dessa iniquidade é a falta do acesso a serviços de saúde bucal de qualidade (Borrell, Williams, 2022). Nesse sentido, tem-se que a população negra tem menor acesso ao tratamento odontológico (Monopoli; Johnson, 2022). Além disso, muitos recebem tratamentos piores em função de sua raça e, como consequência, frequentarão menos o dentista e tendem a perda dentária (Singhal; Jackson, 2022). A violência institucional nos serviços de saúde afasta a população preta dos cuidados pelo risco das práticas racistas (Loduvico et al, 2021) Essas constatações abrem a possibilidade da discussão do racismo estrutural nos serviços de saúde, o qual impacta tanto na falta de profissionais negros quanto na falta de acesso da população negra ao tratamento odontológico (Monopoli; Johnson, 2022). O racismo é um fenômeno ideológico, um importante fator de violação de direitos e de produção de iniquidades (Campos, 2017), especialmente no campo da saúde.

Por esses requisitos, a população negra tende a colocar a saúde bucal de forma não priorizante por questões socio-econômicas, estruturais e até mesmo situações desagradáveis no consultório odontológico (Singhal; Jackson, 2022). Pesquisa realizada com as mulheres pretas/africanas e demonstrou que o medo e a ansiedade dessas mulheres não estão relacionados somente ao tratamento odontológico, mas também, às experiências negativas e desrespeitosas vivenciadas durante o atendimento (Sokoto, 2022). O racismo impacta até mesmo na escolha clínica para o procedimento uma vez que há uma baixa relação do dentista com a população negra, que acabam recebendo uma pior qualidade de cuidados (Borrell, Williams, 2022). Isso implica em uma tendência de que o paciente negro receba procedimentos mais invasivos (Dutra, 2021). Dessa forma, é relevante mostrar como o racismo é determinante na saúde bucal, com vistas à promoção da equidade.

Como estratégia para a redução do racismo nos serviços de saúde bucal acredita-se que seja necessário a inclusão de diversas raças na formação odontológica e, a longo prazo, aumentar a taxa de emprego entre a população afro-americana nesses serviços (Borrell, Williams, 2022). A existência de maior diversidade racial entre os profissionais de saúde bucal

pode resultar em um cuidado respeitoso e culturalmente apropriado. Além disso, quando o racismo é ratado de forma individualizada (pessoa racista) o diálogo acaba interditado, pois o termo acaba assustando o indivíduo que passa a procurar outro culpado que não seja ele próprio. Dessa forma, sugere-se que o racismo seja enfrentado de forma coletiva, a partir da compreensão de como o racismo estrutural impacta em diferentes campos da vida social, incluindo a desigualdade de atendimento em saúde pública (Monopoli; Johnson, 2022). O objetivo principal da pesquisa é compreender as vivências de discriminação no consultório odontológico e os impactos subjetivos decorrentes desse evento em pessoas negras.

2- METODOLOGIA

2.1- Desenho de Estudo e Considerações Éticas

Propõe-se pesquisa com abordagem qualitativa, tendo como fonte de dados primários as entrevistas semiestruturadas realizadas com a população negra com vivências de preconceitos no consultório odontológico. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia (CAAE: 73311523.4.0000.5152; protocolo de aprovação: 6.937.716). A coleta de dados foi realizada apenas após a aprovação pelo CEP/UFU e a obtenção do consentimento expresso com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1).

2.2- Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu presencialmente com a pesquisadora estudante negra, treinada para realização desta coleta destes dados, após convite feitos às pessoas com relatos de vivências de racismo no consultório odontológico. Inicialmente, a pesquisadora coletou informações para caracterização do participante da pesquisa com relação ao sexo/gênero, à idade, à escolaridade, à renda familiar, ao estado civil, à última consulta ao dentista e tipo de serviço da última consulta (público ou privado). Em seguida, o pesquisador informou sobre o início da gravação do áudio da entrevista e conversou livremente sobre os temas de interesse do estudo.

Como roteiro para a entrevista, sugeriu as seguintes questões norteadoras: 1) Você se sente acolhido ou confortável em ser atendido por cirurgiões-dentistas não negros? Me conte um pouco sobre isso. 2) Conte um pouco sobre a vivência de discriminação que você viveu no consultório odontológico, como você se sentiu e como se comportou. 3) Me conte como você sente que essa experiência de discriminação no consultório odontológico afetou sua experiência com os cirurgiões-dentistas.

2.3- Amostragem

A amostragem foi intencional, considerando a população negra com histórias pregressas de discriminação autorrelatada relacionada ao cuidado odontológico profissional. O volume amostral foi determinado pela saturação dos dados. Segundo Fontanella et al. (2011), uma

variedade de informações é observada nas três primeiras entrevistas. As entrevistas seguintes têm por função sedimentar os conteúdos que, de fato, tem significado dentro do grupo estudado. Dessa forma, foi coletado um volume de 08 pacientes. A coleta continuou até atingir a saturação teórica, usando a técnica bola de neve onde não atingiu a quantidade vinte e cinco participantes.

Foram incluídas na pesquisa pessoas que se autodeclararam como negras, que relataram ter sofrido e/ou vivenciado situações de discriminação no consultório odontológico, com idade igual ou superior a 18 anos e que concordaram em participar da pesquisa assinando o termo de consentimento livre e esclarecido. Foram excluídas as pessoas que não se autodeclararam negras (pretos ou pardos), que não relatem vivências e/ou relatos, com idade menor de 18 anos, que não concordaram em participar da pesquisa ou que não se sentiram confortáveis em falar sobre a vivência.

2.4- Análise de Dados

Para a análise dos dados, inicialmente os dados coletados em áudio nas entrevistas semiestruturadas foram transcritos. Após essa etapa, o material foi codificado em três níveis subsequentes. Na primeira codificação ocorreu a exploração dos dados qualitativos por meio de sucessivas leituras do material qualitativo, identificação dos trechos com significado para o estudo e etiquetagem desses fenômenos (descrição curta ou pequeno título). Na segunda codificação as etiquetas dadas aos fenômenos na etapa anterior foram organizadas para formar categorias. Nessa etapa, alguns códigos também foram eliminados por não ajudar a compreender o fenômeno estudado, ainda que tivessem relação com a temática. No último nível de codificação as categorias formadas serão interligadas a partir da classificação em seis categorias analíticas (causas, contextos, contingências, consequências, covariâncias e condições). Nessa última etapa de codificação foi empregada a teorização dos dados empíricos, com base no referencial teórico para criação do modelo explicativo.

3- RESULTADOS

Foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas com pessoas negras que vivenciaram racismo no consultório odontológico. A partir da análise dessas entrevistas foram organizadas quatro categorias: 1) Causas do racismo; 2) Significados e ações frente ao racismo no consultório odontológico; 3) Intervenientes do racismo; e 4) Posturas acolhedoras no consultório odontológico.

3.1- Causas do racismo

A primeira categoria, intitulada “Causas do racismo”, apresenta a visão dos entrevistados sobre a origem do racismo na sociedade atual e como isso pode impactar na interação com o cirurgião-dentista.

Para os entrevistados, as pessoas brancas são frequentemente colocadas em posições de superioridade na estrutura social em relação às pessoas negras. Essa polarização permanece, ainda que pessoas brancas também ocupem posições identificadas como inferiores na sociedade. Assim, para os entrevistados, o racismo tem sua origem em posições que são sistematicamente impostas pela sociedade.

Vai em qualquer lugar tem brancos ocupando lugar de “superioridade” assim como tem branco açougueiro, lixeiro. Mas negros quase sempre estão em lugar de “inferioridade” (E4).

Você não pode ter acesso a coisas do tipo que são básicas. Se o negro ou negra tem o básico, é coisa de outro mundo. Logicamente que pra a gente ter o básico, é mais difícil tanto historicamente quando financeiramente do que para os brancos (E5).

No sentido até mesmo da educação como é colocado em nós negras, o que é esperado de mulheres negras. Sempre somos a última parte, a última ser escolhida (E8).

3.2- Significados e ações frente ao racismo

A segunda categoria aglutina os códigos que foram relacionados aos “Significados e ações frente ao racismo”. Essa categoria ajuda a compreender como o racismo se configura na prática odontológica e quais as atitudes são tomadas pelas vítimas do racismo.

O primeiro ponto é que o racismo acontece de forma sutil e que parece não ser intencional. Contudo, mesmo na sutileza, o impacto do racismo é considerável para a vida da pessoa negra. Reafirmando esse ponto, embora a discriminação cause sofrimento, nem sempre é percebida como algo que justifique uma denúncia formal.

“Eu acho que essas experiências que eu tive de forma sutil, hoje, fazem com que hoje não me afete mais igual no passado. Eu não vou colocar como se eu tivesse sofrido uma discriminação a nível que eu precisava ir à delegacia. Vamos dizer que foi um racismo sutil, foi velado e não escancarado” (E5).

“A única coisa que pedi para o dentista quando tirasse a cárie era colocar aquelas massinhas brancas que vocês usam, [mas] ele colocou esse negócio cinza no meu dente. Até hoje não acredito, e ainda quando perguntei ele disse que esse era melhor para pessoas como eu. Porque a massinha poderia sair a quaisquer momentos e eu não ter dinheiro para colocar de novo” (E4).

“Mais a questão da maioria dos cirurgiões dentistas com a maioria da população negra. Por exemplo: não escova dente direito, melhor opção é extração” (E1).

Diante das experiências com o racismo, emergem sentimentos de medo, frustração e indignação, cujas marcas podem permanecer por muito tempo e serem difíceis de superar. Relatos indicam que os entrevistados se sentem traumatizados e desvalorizados.

“Eu me senti frustrada e indignada. Até perguntei como assim pessoas como eu? ele disse que pessoas da minha cor e classe social. Sem ao menos saber da minha classe social. [...] Não, consegui ter uma reação

digna naquela hora. Acho que por ser tão nova e sem coragem [...]” (E4).

“Quando aconteceu eu me senti um lixo, sabe? Me senti totalmente acabado, na situação em si. [...] Eu acho que o trauma foi muito grande. Mas como o tempo, acho que talvez eu consiga processar tudo que aconteceu” (E1).

“Já ocorreu de falarem ‘nunca vi uma pessoa negra não ter carie, parabéns!’ E não foi só uma vez que já escutei isso, como se eu fosse pular de alegria, eu fiquei incomodada porque será que para os pacientes brancos eles dizem isso também? Ou será que dizem só pra mim, ressaltando de negros e negras” (E5).

3.3- Intervenientes do racismo

A quarta categoria foi nomeada de “Intervenientes do racismo” e é composta por códigos que permitiram compreender que as pessoas negras estão se colocando em uma posição de não aceitação das atitudes racistas e se colocando em ação.

Os entrevistados enfatizam a importância de colocar suas ambições à frente das adversidades, buscando enfrentar as situações indesejadas com resiliência e estratégia. Além disso, destacam a necessidade de uma postura ativa, sempre que necessário.

“Acho que cada vez mais as pessoas negras têm que ocupar espaços que dizem não ser para elas. Pra mostrar que a gente é capaz, que a gente não é burro que temos estudo, que não somos pobres que sabemos nos portar” (E1).

“Eu acho que nós negros, estamos muito acostumados a sermos tratados mal e abaixar a cabeça. E não tem que ser assim, se foi em um lugar e não gostou, não achou bom o tratamento, muda. Espalha para todo mundo que conhece, mas muda. Vai em um lugar que te trata de forma, digna. Como você merece ser tratado” (E3).

Os relatos também indicam que, atualmente, a população negra tem desenvolvido uma percepção mais aguçada sobre as experiências de outros negros, o que fortalece o senso de pertencimento e compreensão das dificuldades enfrentadas. Por outro lado, observa-se que, cada vez mais, a população branca também tem tomado consciência das desigualdades e desafios vividos pelos negros.

“A gente é capaz de formar na faculdade, formar uma família, termos dinheiro da forma correta, capaz de estudar já que as pessoas acham que pessoas brancas não são capazes de fazer nada” (E1).

“Se você é um jovem negro não se acomode no que um branco pra você. Seja curioso, busque, procure e vai atrás” (E6).

3.4- Posturas do cirurgião-dentista

Na quarta categoria, com o título “Posturas no consultório odontológico”, estão apresentadas as posturas dos cirurgiões dentistas que contrastam com as experiências negativas do racismo, evidenciando diferentes abordagens no atendimento.

Os relatos destacam que, mesmo não sendo negros, alguns profissionais demonstram preocupação genuína em oferecer um atendimento respeitoso e resolutivo, priorizando o bem-estar do paciente e promovendo um ambiente acolhedor. Os entrevistados reforçam a importância de uma postura ética e empática no cuidado odontológico, independentemente da cor ou origem do profissional.

“Procurei outro dentista, que me tratou bem, me explicou o porquê que aconteceu. Me tratou com dignidade. [...]Diferente da outra, esse dentista mesmo sendo branco, como a outra, se importou em solucionar o meu problema, se importou como foi feito anterior em me escutar” (E3).

“Eu me senti acolhido porque é bom ver pessoas que nem a gente em uma posição de igualdade. Que me fizeram se sentir muito acolhido, tratamento excelente e tiraram minha dor me mostrando que é possível chegar lá” (E1).

“Acho que é gratidão e orgulho. Quem é branco nunca vai entender isso, porque os brancos sempre fizeram tudo. [...] Quando você vê alguém do seus ocupando lugar que só branco na minha época ocupava, é lindo. É orgulho” (E4).

4- DISCUSSÃO

Ao buscar compreender as vivências de racismo da população negra em consultório odontológico, o presente estudo pôde elucidar que o racismo parte de uma posição de inferiorização que a sociedade impõe às pessoas negras. Isso implica em práticas sutis de racismo que, ainda que não sejam passíveis de denúncia, implicam em sofrimento às pessoas negras. Essas pessoas, entretanto, não parecem estar em um movimento de passividade diante dessa situação, mas sim de buscar superar vivências negativas, buscar profissionais com posturas acolhedoras. Esse movimento de busca por mudança advém da possibilidade de sucesso alcançada por outras pessoas negras, o que empodera as vítimas de violência no consultório odontológico.

O primeiro significado abordado no presente estudo é a causa do racismo, que foi atribuída a suposta posição de superioridade da população branca. Outros estudos, ainda que em outros termos, também trazem essa hierarquização de raças (Kalckmann et al., 2007; Anunciação et al., 2022; Saraiva; Campos, 2023). Kalckmann et al. (2007) indicaram que a postura discriminatória dos profissionais de saúde está ligada a uma “ideologia do dominador”, que está introjetada na sociedade e que precisa ser desconstruída. Anunciação et al. (2022) afirmam que o preconceito se fundamenta na construção de estereótipos estigmatizados e em um processo histórico de desumanização da população negra, que permitem uma execução material do poder. Em complemento, Saraiva e Campos (2023) apontam a existência de uma dominação do corpo negro e de uma negação de direitos que, no estudo dos autores, permite a ocorrência de discriminações em maior prevalência na população negra, como a violência obstétrica.

É preciso considerar que, embora tenham ocorrido avanços, ainda há um forte desequilíbrio social, que coloca a população negra em desvantagem em comparação aos brancos, persiste (Biato; Oliveira, 2019). A falta de engajamento dos profissionais nessa temática reflete que a branquitude não se mobiliza para debater a questão racial (Benedito, Fernandes, 2020). Isso reforça a ideia de que o racismo, além de ter sua origem numa elite social branca, encontra nesse mesmo segmento a resistência em transformar a estratificação racial vigente (Santos, 2020).

Ainda que o presente estudo se dedique a discutir o racismo interpessoal vivido no consultório odontológico, é relevante destacar que esse racismo é também institucional. O racismo institucional é um problema de ordem social-racial (Jesus, Santana e Castelar, 2020) e deve ser combatido com a mesma intensidade que o racismo interpessoal (Fiabani e Fiabani,

2020). O combate ao racismo é uma responsabilidade que abrange aspectos profissionais, sociais, políticos, históricos e afetivos (Benedito; Fernandes, 2020).

Kalckmann et al. (2007), com base nos seus resultados, reafirmam que a população negra vem sendo discriminada nos serviços públicos e privados de saúde, tanto na posição de pacientes, como também de profissionais. Para modificar esta realidade, Mariano, Fernandes e Fernandes (2023) afirmam que é necessário incluir na graduação de profissionais de saúde a temática da saúde integral da população negra, com vistas a capacitar esses alunos ao atendimento de culturas diversas.

Na esfera pública, Anunciação et al. (2022) chamam a atenção para duas políticas têm o potencial de transformação dessa realidade: 1) Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, que reconhece a existência de um racismo estrutural, propõe estratégias de enfrentamento ao racismo e a iniquidade do acesso da população negra; e a 2) Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, que busca induzir mudanças nas práticas de saúde a partir de um processo de reflexão da práxis cotidiana dos serviços de saúde. Contudo, é necessário que essas políticas, de fato, estejam em ação, pois estudo realizado por Jesus, Santana e Castelar (2020) nas unidades de saúde de Salvador (BA) confirmou que não estão disseminadas ações de enfrentamento ao racismo institucional.

Na esfera acadêmica, Santos et al. (2021) apontam que as universidades federais enfrentam desafios em compreender como se manifesta seu racismo institucional. Contudo, a autonomia administrativa dessas instituições exige delas proatividade no desenvolvimento estratégias para corrigir essa falha. Para Borret et al. (2020), deve-se reconhecer que as políticas afirmativas de acesso de jovens negros à educação superior representam um avanço significativo para a equidade racial no Brasil. Contudo, o racismo institucional direcionado a negros e pardos matriculados nas universidades públicas, ainda fortemente presente, implica em uma tentativa constante de afastamento e resistência em relação à instituição Guerra et al., (2024),

No campo da saúde, Borret et al. (2020) afirmam que é importante que sejam implementados treinamentos apropriados para acolhimento e escuta qualificada, adotar uma abordagem interseccional e holística, reconhecer e validar o sofrimento decorrente do racismo, promover a autoestima e o direito à plena cidadania, além de estimular o autocuidado, com ênfase na população negra. Para Santos e Ricci (2020) todo profissional precisa estar atento às particularidades da população negra, buscando constantemente aprimorar sua atuação e refletir sobre suas práticas.

Outro significado encontrado no presente estudo é a sutileza com que o racismo acontece no consultório odontológico. Na área médica, Kalckmann et al. (2007) também identificaram essa sutileza do racismo, que se apresenta em falas como “negros são fortes” ou “são resistentes à dor”. Entre psicólogos, Jesus, Santana e Castelar (2020) observaram que há uma dificuldade de perceber o racismo quando este não ocorre de maneira explícita, levando à ideia de inexistência de atitudes racistas. Segundo Santos e Ricci (2020), desde a infância, a pessoa negra vivencia a discriminação, embora raramente essa realidade seja reconhecida ou admitida pelos outros. Encarar a discriminação como um mal-entendido ou suportar a dor gerada não garante proteção ou reduz os aborrecimentos decorrentes (Santos et al, 2021). Além disso, dificuldade em reconhecer o racismo como uma forma específica de violência contribui para a sua perpetuação (Benedito; Fernandes, 2020).

A discriminação, ainda que velada, pode gerar efeitos psicossociais negativos, dentre eles a redução da autoestima e da autoconfiança (Jesus; Santana; Castelar, 2020) e a desmotivação (Santos; Ricci, 2020). Além disso, o racismo dificulta que o cuidado em saúde seja compatível com as necessidades de saúde dos sujeitos (Jesus; Santana; Castelar, 2020). Benedito e Fernandes (2020) observou que o racismo é sinônimo de sofrimento, sendo que todos os aspectos da vida dos negros são impactados direta ou indiretamente. A dificuldade em reconhecê-lo como uma forma específica de violência contribui para a sua perpetuação. Para Fiabani e Fiabani (2020) indivíduos vítimas do racismo podem apresentar problemas de saúde mental, tanto após eventos isolados quanto, especialmente, quando enfrentam episódios repetidos de discriminação. Esses reflexos do racismo e da discriminação observados por esses outros autores também emergiram nos resultados do presente estudo.

O racismo e a discriminação também resultam em efeitos negativos para o cuidado em saúde. Estudo de Domingos et al. (2024), com mulheres quilombolas, evidenciou que o racismo interfere negativamente nas condições de saúde reprodutiva de mulheres. Revisão da literatura de Mariano, Fernandes e Fernandes (2024) concluiu que a discriminação ainda vivenciada no serviço de saúde soma-se a questões de desigualdade socioeconômica, religiosa e cultural que implicam na acessibilidade e na adesão ao tratamento de saúde.

Ainda que o presente estudo tenha trazido a luz como o racismo e a discriminação contra a população negra acontece no consultório odontológico, ele também indicou uma mudança de postura da população negra frente a esse cenário. Nesse sentido, Domingos et al. (2024) observaram que a cada geração tem-se observado um aumento na autonomia nas mulheres quilombolas. Araujo e Teixeira (2022) ressaltam a importância do movimento negro

organizado na realização de denúncias e proposição de ações para atender às necessidades da população negra, objetivando o alcance de um pouco de igualdade racial.

5- CONCLUSÃO

Este presente estudo identificou que o racismo no consultório odontológico acontece de forma sutil, mas que, ainda sim, implica em sofrimento para a população negra. Diante disso, são relevantes e urgentes a capacitação de profissionais da área da saúde para lidar com questões raciais, garantindo um atendimento mais equitativo e humanizado. Essa capacitação deve estar presente tanto nos cursos de graduação, como também nas atividades de educação permanente em saúde. Espera-se que este estudo seja apenas o início de reflexões e iniciativas que visem o enfrentamento do racismo nos serviços de saúde bucal e na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ANUNCIACÃO, Diana; PEREIRA, Lucélia Luiz; SILVA, Hilton; NUNES, Ana Paula Nogueira; SOARES, Jaqueline Oliveira. (Des)caminhos na garantia da saúde da população negra e no enfrentamento ao racismo no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 10, p. 3853-3862, 2022. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.08212022en>

BENEDITO, Maiara de Souza; FERNANDES, Maria Inês Assumpção. Psicologia e racismo: as heranças da clínica psicológica. Psicologia: **Ciência e Profissão**, v. 40, n. especial, e229997, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229997>

BORRELL, Luisa.; WILLIAMS, David. Racismo e equidade em saúde bucal nos Estados Unidos: identificando seus efeitos e fornecendo direções futuras. **Revista de Odontologia em Saúde Pública**, v. 82, p. 8-11, 2022.

BORRET, Rita Helena; ARAUJO, Dagles Henrique Sartori de; BELFORD, Pollyanna Silva; OLIVEIRA, Denize Ornelas Pereira Salvador de; VIEIRA, Renata Carneiro; TEIXEIRA, Débora Silva. Reflexões para uma prática em saúde antirracista. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, supl. 1, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229997>

CAMPOS, Luiz Augusto. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, 2017. <https://doi.org/10.17666/329507/2017>

DOMINGOS, Laisa Liane Paineiras; OLIVEIRA, Daniel Mascarenhas; i, Thais Miranda dos Santos; SANTOS, Luan da Silva; CORREIA, Monique Limeira dos Santos; GUALBERTO, Larissa de Cássia Paineiras; COSTA, Isabelle de Oliveira; SANTOS, Iêda Maria Fonseca. Mulheres negras quilombolas: o racismo articulado a outros determinantes sociais e seus impactos na saúde e autonomia reprodutiva: uma revisão integrativa. **Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva**, v. 5, e20545, 2024.

DUTRA, Kelton Douglas. Odontologia e racismo: a raça como influência no diagnóstico do complicado-dentista, uma revisão de literatura. **Trabalho de Conclusão de Curso (Centro Universitário UNDB)**, 2021.

FIABANI, Adelmir; FIABANI, Tainá. A dor do inocente: implicações do racismo para a criança negra. **Revista Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 628-647, jul./dez. 2020.
<https://doi.org/10.14295/de.v8i2.11816>

GUERRA, Nathalia Ester Martins; STOFEL, Natália Sevilha; BORGES, Flávio Adriano; LUNA, Willian Fernandes; SALIM, Natália Rejane; SÁ, Barbara Stefani Moraes; MONTEIRO, Juliana. O racismo institucional na universidade e consequências na vida de estudantes negros: um estudo misto. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 3, e04232023, 2024. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.04232023>

JESUS, Kaike Costa Oliveira de; SANTANA, Hellen Maciel; CASTELAR, Marilda. Saúde mental da população negra: desafios e estratégias de enfrentamento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 10, p. 3853-3862, 2022.

KALCKMANN, Suzana; SANTOS, Claudete Gomes dos; BATISTA, Luís Eduardo; CRUZ, Vanessa Martins. **Racismo institucional: um desafio para a equidade no SUS?** **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 146-155, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902007000200014>

LODUVICO, Grazielle de Oliveira. et al. Racismo institucional: percepção sobre a discriminação racial nos serviços de saúde/Institutional racism: perception about racial discrimination in health services. **Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo**, p. 1 of 6-1 of 6, 2021.
<https://doi.org/10.26432/1809-3019.2021.66.008>

MARIANO, Maria Tereza Leite; FERNANDES, Esther Alves; FERNANDES, Marcelo Costa. Fatores intervenientes na acessibilidade de pretos e pardos aos cuidados primários à saúde: revisão integrativa. **Sanare – Revista de Políticas Públicas de Saúde**, v. 22, n. 1, p. 1-10, 2023.
<https://doi.org/10.36925/sanare.v22i1.1541>

MONOPOLI, Michael.; JOHNSON, Ifetayo. Enfraquecendo o racismo: um caminho para promover a equidade em saúde bucal. **Revista de Odontologia em Saúde Pública**, v. 82, p. 123-127, 2022.

SANTOS, Edmilson Santos dos; GOMES, Nilma Lino; SILVA, Givânia Maria da; BARROS, Ronaldo Crispim Sena. Racismo institucional e contratação de docentes nas universidades federais brasileiras. **Educação & Sociedade**, v.42, e253647, 2021. <https://doi.org/10.1590/es.253647>

SANTOS, Gabriella da Cruz; RICCI, Éllen Cristina. Saúde mental da população negra: relato de uma relação terapêutica entre sujeitos marcados pelo racismo. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 19, ed. especial, p. 220-241, 2020. <https://doi.org/10.5935/1984-9044.20200021>

SARAIVA, Vanessa Cristina dos Santos; CAMPOS, Daniel de Souza. A carne mais barata do mercado é a carne negra: notas sobre o racismo e a violência obstétrica contra mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 9, e05182023, 2023. <https://doi.org/10.1590/1413-81232023289.05182023en>

SINGHAL, Astha.; JACKSON, John. A discriminação racial percebida medeia parcialmente as disparidades étnico-raciais na utilização odontológica e na saúde bucal. **Revista de Odontologia em Saúde Pública**, v. 82, p. 63-72, 2022.

SOKOTO, Kalo. et al. Racismo em ambientes de saúde bucal: implicações para o medo/ansiedade e utilização de atendimento odontológico entre mulheres negras/afro-americanas em Appalachia. **Revista de Odontologia em Saúde Pública**, v. 82, p. 28-35, 2022.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Racismo no consultório odontológico: significados produzidos por pacientes negros”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. Álex Moreira Herval e Ana Laura Carvalho do Nascimento.

Nesta pesquisa nós estamos buscando compreender as vivências de discriminação no consultório odontológico e os impactos subjetivos decorrentes desse evento em pessoas negras. O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelo pesquisador Ana Laura Carvalho do Nascimento. Você será convidado a participar nas salas de espera das clínicas do Hospital Odontológico da Universidade Federal de Uberlândia. A coleta de dados ocorrerá em uma sala reservada para preservar sua privacidade. Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016).

Nesta pesquisa você vai participar de uma entrevista, que deve durar até 20 minutos. Nesta entrevista vamos conversar com você sobre as suas experiências de discriminação em função da cor de pele vivenciadas no consultório odontológico. Essa entrevista será gravada para podermos analisar ela posteriormente. O pesquisador responsável atenderá as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. É compromisso dos pesquisadores a divulgação dos resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Os riscos consistem na possibilidade de quebra do sigilo das informações prestadas ou mesmo constrangimento ao relatar/relembrar as situações de discriminação vivenciadas. Para não ter quebra de sigilo o entrevistado será posto em uma sala apenas com o entrevistador e no momento da transcrição das entrevistas gravadas serão removidos nomes e outras informações que permitam a identificação do participante. Os benefícios serão para o paciente e para a comunidade negra ao produzir conhecimentos sobre o desenvolvimento do racismo no consultório odontológico, trazendo conhecimentos que permitam reorientar as decisões de cirurgiões-dentistas e a formação dos discentes de Odontologia, com o fortalecimento e estímulo de políticas públicas que reduzam a desigualdades raciais.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. **Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos pesquisadores.** Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com o Prof. Dr. Álex Moreira Herval, pelo telefone 34 3225-8145, por e-mail alexmherval@ufu.br ou no endereço Av. Pará 1720, Bloco 2G Sala 1, *Campus* Umuarama – Uberlândia/MG. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf. Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O

CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 2023

Álex Moreira Herval (Pesquisa Principal)

Ana Laura Carvalho do Nascimento

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante de pesquisa

ANEXO

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA



Continuação do Parecer: 6.306.733

(E) Metodologia de análise dos dados – “Para a análise dos dados, primeiramente ocorrerá a estruturação do referencial teórico por meio da leitura e identificação de pontos chave sobre o tema. Após essa etapa, o material será codificado em três níveis subsequentes. Na primeira codificação ocorre a exploração dos dados qualitativos por meio de sucessivas leituras do material qualitativo, identificação dos trechos com significado para o estudo e etiquetagem desses fenômenos (descrição curta ou pequeno título). Na segunda codificação as etiquetas dadas aos fenômenos na etapa anterior serão organizadas para formar categorias. No último nível de codificação as categorias formadas serão interligadas a partir da classificação em seis categorias analíticas (causas, contextos, contingências, consequências, covariâncias e condições). Nessa última etapa de codificação será empregada a teorização dos dados empíricos, com base no referencial teórico para criação do modelo explicativo”.

(F) Desfecho Primário e Secundário – “Espera-se obter uma compreensão detalhada sobre os aspectos relacionadas às vivências de discriminação no consultório odontológico e os impactos subjetivos decorrentes desse evento em pessoas negras. Espera-se obter uma compreensão detalhada sobre os aspectos relacionadas às vivências de discriminação no consultório odontológico e os impactos subjetivos decorrentes desse evento em pessoas negras”.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO – “Serão incluídas na pesquisa pessoas que se autodeclaram como negras, que relatem ter sofrido e/ou vivenciado situações de discriminação no consultório odontológico, com idade igual ou superior a 18 anos e que concordarem em participar da pesquisa assinando o termo de consentimento livre e esclarecido”.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO – “Serão excluídas as pessoas que não se autodeclararem negras (pretos ou pardos), que não relatem vivências e/ou relatos, com idade menor de 18 anos, que não concordarem em participar da pesquisa ou que não se sentirem confortáveis em falar sobre a vivência”.

CRONOGRAMA – Etapa de coleta de dados de 01/12/2023 a 28/02/2024.

ORÇAMENTO – Financiamento próprio R\$ 449,90.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.306.733

(E) Metodologia de análise dos dados – “Para a análise dos dados, primeiramente ocorrerá a estruturação do referencial teórico por meio da leitura e identificação de pontos chave sobre o tema. Após essa etapa, o material será codificado em três níveis subsequentes. Na primeira codificação ocorre a exploração dos dados qualitativos por meio de sucessivas leituras do material qualitativo, identificação dos trechos com significado para o estudo e etiquetagem desses fenômenos (descrição curta ou pequeno título). Na segunda codificação as etiquetas dadas aos fenômenos na etapa anterior serão organizadas para formar categorias. No último nível de codificação as categorias formadas serão interligadas a partir da classificação em seis categorias analíticas (causas, contextos, contingências, consequências, covariâncias e condições). Nessa última etapa de codificação será empregada a teorização dos dados empíricos, com base no referencial teórico para criação do modelo explicativo”.

(F) Desfecho Primário e Secundário – “Espera-se obter uma compreensão detalhada sobre os aspectos relacionadas às vivências de discriminação no consultório odontológico e os impactos subjetivos decorrentes desse evento em pessoas negras. Espera-se obter uma compreensão detalhada sobre os aspectos relacionadas às vivências de discriminação no consultório odontológico e os impactos subjetivos decorrentes desse evento em pessoas negras”.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO – “Serão incluídas na pesquisa pessoas que se autodeclaram como negras, que relatem ter sofrido e/ou vivenciado situações de discriminação no consultório odontológico, com idade igual ou superior a 18 anos e que concordarem em participar da pesquisa assinando o termo de consentimento livre e esclarecido”.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO – “Serão excluídas as pessoas que não se autodeclararem negras (pretos ou pardos), que não relatem vivências e/ou relatos, com idade menor de 18 anos, que não concordarem em participar da pesquisa ou que não se sentirem confortáveis em falar sobre a vivência”.

CRONOGRAMA – Etapa de coleta de dados de 01/12/2023 a 28/02/2024.

ORÇAMENTO – Financiamento próprio R\$ 449,90.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA



Continuação do Parecer: 6.306.733

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO - "O objetivo principal da pesquisa é compreender as vivências de discriminação no consultório odontológico e os impactos subjetivos decorrentes desse evento em pessoas negras".

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS - "a) Compreender as características e situações em que a discriminação relacionada à raça/etnia/cor ocorre no consultório odontológico; b) Compreender os significados atribuídos a esses eventos; c) Compreender as implicações que as situações de discriminação trazem para o acesso ao cuidado em saúde bucal".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS - "A pesquisa possui riscos relacionados à possibilidade de quebra do sigilo das informações prestadas ou mesmo constrangimento ao relatar/relembrar as situações de discriminação vivenciadas. Para minimizar esses riscos, a entrevista será realizada em uma sala apenas com o entrevistador e, no momento da transcrição das entrevistas gravadas, serão removidos nomes e outras informações que permitam a identificação do participante".

BENEFÍCIOS - "A pesquisa possui benefícios para o paciente e para a comunidade negra ao produzir conhecimentos sobre o desenvolvimento do racismo no consultório odontológico, trazendo conhecimentos que permitam reorientar as decisões de cirurgiões-dentistas e a formação dos discentes de Odontologia, com o fortalecimento e estímulo de políticas públicas que reduzam a desigualdades raciais e o preconceito".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Após a análise do CEP/UFU não foram encontradas pendências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos devidamente anexados (folha de rosto, termo de compromisso da equipe executora, links para currículos, declaração de coparticipante, instrumento de coleta de dados, TCLE).

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.306.733

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise do CEP/UFU não foram observados óbices éticos nos documentos do estudo.

De acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466/12, CNS nº 510/16 e suas complementares, o CEP/UFU manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Prazo para a entrega do Relatório Final ao CEP/UFU: JUNHO/2024.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DE PESQUISA DEVE SER INFORMADA, IMEDIATAMENTE, AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE ÉTICA.

O CEP/UFU alerta que:

- a) Segundo as Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16, o pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- b) O CEP/UFU poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto;
- c) A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento às Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16 e suas complementares, não implicando na qualidade científica da pesquisa.

ORIENTAÇÕES AO PESQUISADOR:

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e sem prejuízo (Resoluções CNS nº

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.306.733

466/12 e nº 510/16) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, na íntegra, por ele assinado.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado pelo CEP/UFU e descontinuar o estudo após a análise, pelo CEP que aprovou o protocolo (Resolução CNS nº 466/12), das razões e dos motivos para a descontinuidade, aguardando a emissão do parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Resolução CNS nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro); e enviar a notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) apresentando o seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, destacando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. No caso de projetos do Grupo I ou II, apresentados à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador também deve informá-la, enviando o parecer aprobatório do CEP, para ser anexado ao protocolo inicial (Resolução nº 251/97, item III.2.e).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1958125.pdf	19/08/2023 09:10:19		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_AnaLaura_vPlataformaBrasil.docx	19/08/2023 09:10:02	Alex Moreira Herval	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Ana_Laura.docx	06/08/2023 08:36:55	Alex Moreira Herval	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_AnaLaura_Ass.pdf	06/08/2023 08:34:59	Alex Moreira Herval	Aceito

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.306.733

Declaração de Pesquisadores	Termo_Compromisso_Ass.pdf	13/07/2023 16:07:04	Álex Moreira Herval	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_Coparticipante.pdf	13/07/2023 16:02:13	Álex Moreira Herval	Aceito
Outros	Roteiro_Negros.docx	23/05/2023 09:36:05	Álex Moreira Herval	Aceito
Outros	Lattes_Pesquisadores.docx	23/05/2023 09:30:26	Álex Moreira Herval	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERLANDIA, 18 de Setembro de 2023

Assinado por:

ALEANDRA DA SILVA FIGUEIRA SAMPAIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLANDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br